

Apontamentos bibliográficos de Ana C.

Para situar o leitor argentino sobre o lugar privilegiado ocupado por Ana Cristina César na recente história da literatura brasileira, será necessário iniciarmos com alguns dados biográficos. Vida e obra, especialmente no caso desta poeta singular que, em termos cronológicos e históricos, testemunhou 1968/1969 na Europa (ainda que adolescente, e na Richmond School for Girls, em Londres), foi estudante universitária durante os anos de chumbo da ditadura militar brasileira (participando, por exemplo, na célebre Marcha dos 100 mil no Rio de Janeiro), e morreu precocemente às portas da abertura democrática e de um renascimento cultural que timidamente se estabeleceu no país no decorrer dos anos 1980, se fundem de uma maneira excepcionalmente forte, tornando-se quase indissociáveis, não por razões explicitamente políticas (embora seja possível argumentar por um certo engajamento feminista em sua obra, decerto não-panfletário e sofisticado – é dela, por exemplo, o verso *sou uma mulher do século XIX, disfarçada em século XX*), mas pela própria natureza de sua escrita e circunstâncias de sua vida e morte. Ana C., – abreviação como a poeta veio a ser conhecida –, se tornou um nome emblemático de uma geração, de uma época (os anos finais da década de 1970 e a década de 1980, ou seja, abertura, desbunde e movimentos de pós-vanguardas), de um lugar (a zona sul carioca, e seus equivalentes paulistas – ou seja, o seio da burguesia esclarecida) e, por tabela, da própria poesia brasileira contemporânea.

Ana Cristina Cruz César nasceu no dia 2 de junho de 1952, portanto sob o signo de Gêmeos, no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, filha de uma família de classe média, culta e presbiteriana. Seu pai foi o sociólogo e jornalista Waldo Aranha Lenz Cesar, que também foi importante militante ecumênico, e sua mãe a professora de literatura Maria Luiza Cesar. Teve dois irmãos: Flávio e Filipe. Estudou no Instituto Metodista Bennett, onde lecionava sua mãe, e desde criança sua vivacidade intelectual e seu talento foram incentivados pelo núcleo

familiar (aos seis anos, ainda não alfabetizada, Ana C. ditava poemas para sua mãe), o que atesta sua intensa e precoce atividade literária: durante os cursos primário e secundário no Bennett, por exemplo, funda e edita o *Jornal Juventude Infantil*, e mais tarde o periódico *Comunidade*, da igreja presbiteriana. No ano em que vive em Londres, em programa de intercâmbio, entra em contato com a obra de escritoras como Emily Dickinson, Sylvia Plath e Katherine Mansfield, algumas das quais iria traduzir mais tarde. Em 1975 formou-se em Letras pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), em seguida ingressando no mestrado em Comunicação, defendido em 1979 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); completando também, com uma bolsa da Rotary Foundation, um Master of Arts em teoria e prática de tradução literária pela Universidade de Essex, Inglaterra, em 1980, período no qual viaja pela França, Itália, Espanha, Grécia e Holanda.

Com vasta e precoce colaboração poética e tradutória em jornais e revistas alternativos do Rio de Janeiro, sua poesia ganha destaque com a publicação, em 1976, da antologia *26 poetas hoje*, organizado por Heloísa Buarque de Hollanda, que lança uma geração de poetas da assim chamada “poesia marginal”, ou “geração mimeógrafo” (poetas que, driblando o mercado, distribuía poesia em folhas de ofício grampeadas, saídas das máquinas das universidades). Em edições independentes publicou *Cenas de abril* (1979), *Correspondência completa* (1979) e *Lovas de pelica* (1980, impresso na Inglaterra). Sua dissertação de mestrado, *Literatura não é documento*, que versa sobre a presença da literatura brasileira no cinema nacional foi publicada pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC/Funarte) em 1980. Em 1982, a Brasiliense, editora comercial paulista de médio porte, lança em edição de bolso *A teus pés*, que inclui poemas inéditos e os três livros anteriores, e que rapidamente se tornou referência para toda uma geração de poetas (em 1992 já estava na oitava edição).

A partir de sua trágica morte – no dia 29 de outubro de 1983, Ana C. suicida-se saltando de uma janela do apartamento de seus pais em Copacabana –

sua importância como poeta, mesclada ao mito pessoal criado em torno de sua imagem, só faz crescer. Desde 1998 todo seu acervo pessoal está sob a guarda do Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, que promove exposições, cursos e publicações cada vez mais luxuosas de e sobre a poeta. Postumamente, Armando Freitas Filho organizou os livros *Inéditos e dispersos* (1985, prosa e poesia), *Escritos da Inglaterra* (1988, ensaios), *Escritos do Rio* (1993, artigos de jornal e depoimentos), *Crítica e tradução* (1999, que reúne os dois anteriores, acrescidos de *Literatura não é documento*), além de *Correspondência incompleta* (1999), em parceria com Heloísa Buarque de Hollanda. Em 2008, Viviana Bosi organizou *Antigos e soltos (poemas e prosa da pasta rosa)*.

Os principais jornais do país noticiam a morte da jovem poeta Ana C. saudando-a como “uma das maiores autoras de poesia da ‘geração 80’”. Na matéria da Folha de São Paulo, do dia 31 de outubro de 1983, intitulada “Ana Cristina, o salto da poesia para a morte”, Heloísa Buarque de Hollanda, de quem Ana C. foi aluna, define a poeta como "a escritora brasileira mais importante surgida nos últimos tempos". Armando Freitas Filho, seu amigo de longa data, por sua vez, contou ter falado com Ana C. por telefone um pouco mais de meia hora antes de sua morte. “Ana lhe confessou que se estava sentindo ‘emparedada’ e que gostaria que o médico lhe receitasse algo que a fizesse chorar. Falou também de seu desânimo em continuar vivendo. Armando tentou reanimá-la, mas achou-a irredutível. Mas, como ela estava sob tratamento médico e com a presença constante de um enfermeiro a seu lado, Armando achou que, aos poucos, a crise poderia ser superada”. Desde que voltara de Londres, em 1981, Ana Cristina, uma moça de poucas palavras, mas de expressão luminosa e sorridente, contratada pela Rede Globo para desenvolver pesquisas e textos para telenovelas, passara por diversas crises de depressão e sentia-se cada vez mais inadequada. No início daquele mesmo mês já havia tentado o suicídio, afogando-se, sem sucesso, no mar. Não deixou bilhetes ou cartas de despedida. Apenas poemas.

Décadas depois de sua morte, com apenas 31 anos de idade, a escrita e a vida de Ana Cristina César mantêm-se presente, ativa e em plena expansão nos ecos de sua poesia em novos autores; em antologias, traduções, adaptações de sua obra para teatro e documentários; publicações de inéditos, desenhos, rabiscos e anotações; além de crescentes e abundantes estudos a ela dedicados. São muitos os elementos que contribuem para a enorme repercussão e institucionalização de Ana C. Entre eles está a criação de uma espécie de hagiografia em torno de seu nome, uma sacralização certamente acrítica, proveniente do impacto causado por sua morte trágica e precoce, a fotobiografia póstuma e fartamente publicada (a jovem rica bela e loira poeta suicida), a dificuldade de sua leitura transformando sinais supostamente de inadequação e sensualidade na facilidade da fabulação de um mito romântico e uma história de martírio. Mas os leitores de Ana C. não se deixam seduzir apenas pelo drama pessoal, e sim pela palavra ambígua, pelo ar de intimidade misteriosa, pelos segredos apenas aparentemente confessados, ou pelas confissões plenas de dissimulação. Autora de uma intrigante e complexa dicção poética (que, de fato, a distingue e distancia dos outros autores da poesia marginal), Ana C. parece inventar uma intimidade que se naturaliza e se tece nos limites entre a confissão e a literatura, num jogo de transportes, máscaras e disfarces (sintomaticamente, o título original de *A teus pés* foi *Meios de transporte*). O sujeito poético de seus poemas jamais revela-se, vislumbrado em espaços de intervalo, em espaços e movimentos de passagem, em um espaço *entre* (no qual ela também, poderíamos supor, se sentia emparedada), num lugar em constante *tradução* (atividade á qual Ana C. se dedicou de forma constante e apaixonada como praticante e ensaísta), se pensarmos, poeticamente, a tradução como vislumbre, vestígio ou memória de um texto (um lugar) perdido.

